**O FUTURO DOCENTE NA ERA DIGITAL**

**Denise de Moraes dos Santos[[1]](#footnote-1)**

**Gabriel Felipe da Silva[[2]](#footnote-2)**

**Valquíria Celi Zirr[[3]](#footnote-3)**

**Heloisa Mazo[[4]](#footnote-4)**

**PALAVRAS – CHAVE:** Docência, inclusão digital, tecnologias.

**RESUMO:**  Para acompanhar desenvolvimento da sociedade é necessário estar conectado ao universo midiático. Uma das instituições responsáveis para realizar a inclusão digital é a escola, no entanto acredita-se que a morosidade para adentrar na era digital seja, em boa parte, decorrente da falta de conhecimento do educador sobre a importância e a necessidade desse novo conhecimento, aliado ao domínio tecnológico precário que o mesmo possui. Para melhor compreender essa questão realizou-se uma pesquisa quantitativa a cerca dos conhecimentos dos futuros professores em relação ao mundo digital. Nessa, autores como Libâneo (2009), D’ambrosio (2003), Moresi (2003), Ferreira (2006), Bettega (2010), deram subsídio para a análise e discussão dos resultados. Ao se concluir a pesquisa pode-se perceber que apesar da maioria dos futuros educadores sinalizarem estar incluídos no universo digital, a utilização dessa ferramenta esta mais circunscrita ao acesso ás redes sociais a título de entretenimento.

**Palavras-chave:** Docência, Tecnologia, Inclusão digital.

**INTRODUÇÃO:**

É recorrente se ouvir que o acesso às tecnologias digitais é uma realidade que contempla a maioria dos jovens brasileiros. Entretanto, tal afirmação pode ser considerada ambígua ao se acompanhar a forma com que algumas escolas vêm inserindo as novas tecnologias na ação educativa. O conhecimento de que muitos laboratórios nas escolas públicas são aproveitados esporadicamente e, quando usados são transformados em  “lan house’s” de entretenimento, no qual a utilização de jogos eletrônicos e das redes sociais são as ações mais frequentes.

A revisão do conceito de inclusão digital que vem sendo forjado é uma necessidade inquestionável. Como assegura Carvalho, Kruger e Bastos ( 2000, p. 15), é imperioso que a inclusão do universo digital na escola ocorra de forma responsável. Para isso, é imprescindível que ocorra concomitante a uma revisão curricular, assim como por uma formação de professores que lhes capacite a manusear as novas ferramentas com segurança e prazer, aspecto esse essencial em qualquer ação educativa.

Apesar de ter acesso a cursos de formação continuada, alguns educadores justificam que utilizam pouco as novas tecnologias, em razão de não terem desenvolvido suficientemente as habilidades necessárias. Asseguram que o número de horas de formação continuada que receberam ou ainda recebem não lhes possibilita conhecer realmente as ferramentas que poderiam ser utilizadas no processo ensino-aprendizagem, principalmente porque para que ocorra uma apropriação efetiva de um saber, a assimilação/adaptação é necessário a real ação do sujeito sobre o objeto de estudo( Piaget, 1980), fato que não acontece em virtude de que alguns educadores em pleno século XXI ainda não terem acesso efetivo e diário às redes sociais e programas nela disponíveis.

È uma realidade que muitos docentes que estão atuando fazem parte de uma outro momento histórico, no qual por razões conjunturais que ora podem ser entendidos como econômicos, ora políticos, lhes negou ou tardiamente permitiu o acesso às tecnologias.

Baseados nessa linha de raciocínio,poder-se-ia afirmar que essa problemática está por vias de ser resolvida, uma vez que na atualidade o numero de jovens que tem acesso ao universo digital é bem mais expressivo do que há duas décadas atrás.

Entretanto, apesar de se acredita que o universo jovem está imerso no mundo midiático, essa certeza não é garantia de que as instituições escolares farão um uso mais adequado das ferramentas tecnológicas, uma vez não se ter certeza se a inclusão digital foi realmente democratizada e, caso todos estiverem inclusos, não se sabe de que forma esse cidadão utiliza tal ferramenta na sua via cotidiana. Ancorados a essas questões o grupo de bolsistas do Programa Institucional de Bolsas Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto pedagogia ensino médio, realizou o presente estudo objetivando verificar que habilidades os acadêmicos que ingressaram nos cursos de licenciaturas no ano de 2015 possuem no universo digital, em especial no uso do computador.

**METODOLOGIA:**

Para atingir esse objetivo foi realizada uma pesquisa em uma abordagem quantitativa, descritiva e exploratória, uma vez se ter a intenção de saber as compreensões dos sujeitos, em relação ao tema de estudo. Para Alves Mazzotti e Gewandsznajder, as pesquisas com abordagem quantitativa partem do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado” . (1998, p.131). Moresi (2003),

considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá- las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.).

Ainda, realizou-se o estudo através de uma pesquisa exploratória, por se entender que nessa perspectiva se pode descrever de forma precisa a prática educativa observada, na perspectiva de encontrar as relações existentes entre os elementos que compõem a mesma. Logo, com a pesquisa descritiva, se buscou observar, registrar, realizar uma análise na perspectiva de verificar possíveis correlações entre os fatos ou os fenômenos sem manipulá-los (MAYAN, 2001).

Portanto, é uma pesquisa de campo, com uma análise quantitativa, descritiva e exploratória, que se sustenta em referenciais bibliográficos, que embasam e fortalecem o estudo que se propõe a verificar que habilidades os acadêmicos que ingressaram nos cursos de licenciaturas no ano de 2015 possuem no universo digital, em especial no uso do computador.

 A pesquisa foi realizada com acadêmicos ingressantes no ano de 2015 nos cursos de licenciatura da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) da cidade de Santo Ângelo-RS. A amostra foi constituída por 58 sujeitos que se encaixam nos seguintes critérios: ser licenciando dos cursos da URI de Santo Ângelo, ter ingressado nos cursos de licenciatura em Matemática, Pedagogia, no ano de 2015. Sendo assim excluídos da amostra, os acadêmicos que não cursam licenciatura. Os sujeitos participantes do estudo que foram encontrados por acessibilidade, mais especificamente os que se encontravam no local da pesquisa( sala de aula), no momento da coleta de dados, assim como a disponibilidade dos mesmos.

Antes de inicial a coleta de dados foi fornecida aos sujeitos alvo da pesquisa, o termo de consentimento livre e esclarecido, o qual foi lido e assinado em duas vias de igual teor, sendo que uma ficou com o participante do estudo e outra com os pesquisadores, para que então o questionário fosse aplicado.

O instrumento utilizado na pesquisa foi um questionário de múltipla escolha, estruturado, contendo 8 perguntas, o qual, após autorização das coordenações dos cursos, foi aplicado nas salas de aula dos respectivos cursos. Após o preenchimento o instrumento de pesquisa foi recolhido, e os dados analisados de forma quantitativa.

.

**RESULTADOS E ANÁLISES:**

Ao se analisar os dados obtidos foi possível verificar que a inclusão digital é uma realidade acessível à maioria dos jovens. Dos 58 entrevistados somente 7% não possui acesso diário ao universo tecnológico, dados que poderiam levar a afirmar que a inclusão digital é algo já conquistado pela maioria dos brasileiros.

O conhecimento da realidade acima descrita no quadro 1, poderia sinalizar que a democratização do universo digital poderia ser um sinônimo de avanço expressivo em termos de domínio tecnológico. Infelizmente, analisando o quadro 2 essa afirmativa pode ser falsa, uma vez que da totalidade dos entrevistados somente 43% as utiliza as para melhorar a qualidade de vida, empregando as ferramentas tecnológicas para suprir as necessidades no mundo do trabalho ou na academia. A maioria dos entrevistados, mais precisamente 55% assegura restringir o uso para entretenimento, utilizando na maioria das vezes, para acessar as redes sociais como faceboock, blogs, dentre outros.

Esse quadro torna-se ainda mais é inquietante, ao se analisar o tempo diário de permanência nas redes sociais com a finalidade de lazer. Como se pode verificar 79% permanece em torno duas horas diárias absorvendo cultura inútil, fato que remete a muitos questionamentos principalmente quando se trata de acadêmicos que frequentemente argumentam não possuir tempo para realizar as atividades solicitadas. Frente a essa constatação, um grande questionamento não deixa calar sobre o tipo de profissional da educação que se está formando.

Apesar a maioria dos entrevistados relatar que utiliza as tecnologias com fins de lazer, ao serem questionados sobre as habilidades que possuem para fazer uso das ferramentas tecnológicas, 92% dos sujeitos da pesquisa afirmam ter um bom conhecimento da área digital, fato que o capacitaria a ampliar o uso para outras instancias do seu cotidiano. A constatação dessa resposta, sugere que há uma dificuldade em uma transposição de conhecimentos, sinalizando talvez o resquício da forma tradicional com que a escola produz o conhecimento, ou seja, tudo segmentado.

Entretanto, ao se analisar os dados referentes ao questionamento sobre o local onde o acadêmico recebeu as primeiras instruções sobre informática, percebe-se que a maioria, num percentual de 43 % tiveram os primeiros ensinamentos em casa. A verificação desse índice, não inviabiliza a hipótese anteriormente apresentada sobre o currículo fragmentado, mas chama atenção para o papel que a escola vem desempenhando junto aos conhecimentos prévios que o educando traz. Nesse caso, poder-se-ia pensar que a instituição escolar pouco vem contribuindo para ressignificar e até mesmo ampliar os saberes dos educandos, uma vez se perceber que mesmo tendo participado desse espaço de ensino, a maioria permaneceu restrita aos saberes que construiu em seu contexto familiar.

Assim, frente ao exposto pode-se afirmar que a escola tem um papel de suma importância na real inclusão do cidadão na era digital. Cabe então à escola e aos professores orientar sobre os valores acerca do uso de internet, fazer as intervenções necessárias, sobre o uso dessa ferramenta sendo o mediador da construção do conhecimento.

Cabe ao educador inovar suas aulas, assumindo o uso do computador, que trará uma nova visão de aprendizagem possibilitando a abordagem interdisciplinar, transformando dessa maneira a sala de aula em um grande laboratório de pesquisa, um espaço de transito de muitas vozes, lembrando sempre que

[...] o computador não é por si mesmo portador de inovação nem fonte de uma nova dinâmica do sistema educativo. Poderá servir e perpetuar com eficácia sistemas de ensino obsoletos. Poderá ser um instrumento vazio em termos pedagógicos que valoriza a forma, obscurece o conteúdo e ignora processos. (CABRAL, 1990:14).

 Para isso, o educador deve estar em constante formação, uma vez que estamos vivendo em um tempo marcado por modificações, onde exigem dos educadores uma formação continuada e sólida. Além de aprender, é necessário apreender esse conhecimento, automatizá-lo ação que somente acontecerá no momento que todos os educadores e educandos tiverem realmente acesso diário e ilimitado ao universo digital.

 **CONCLUSÃO:**

Ao se concluir o presente estudo pode-se verificar que a democratização do universo digital é uma realidade bem mais próxima. Entretanto, analisando os dados foi possível se perceber que apesar de os acadêmicos demonstrarem estar incluídos no mundo digital, a maioria dos ingressantes nos cursos de licenciatura no ano de 2015, ainda carecem de saberes mais balizados sobre a área. Tal afirmação é oriunda da análise dos dados, os quais sinalizaram que grande parte dos futuros educadores reduzem o acesso e a utilização das ferramentas digitais a situações de entretenimento. O conhecimento dessa realidade aponta para a importante missão que a universidade possui nesse aspecto, devendo ser promotora de situações de aprendizagem que levem o futuro profissional da educação a alargar esse horizonte, premissa básica para que consiga efetivar uma prática pedagógica ancorada ao conceito do aprender a aprender, habilidade essencial a todo cidadão que participante de uma sociedade em constante evolução.

**REFERÊNCIAS:**

BASTOS, João Augusto de Souza Leão de Almeida, org.; Y. Shimizu. Ver.- Curitiba: CEEFET-PR, 2000. 99p:; Il –(coletânea “educação e tecnologia” CEEFET-PR).CEEFET-PR, **Desafios da apropriação do conhecimento tecnológico:** publicação do Programa de Pós-graduação em tecnologia- PPGTE/ CEFET-PR.

BENNETT, F. (1996). **Computers as tutors**: solving the crisis in education. [online]. [s.l.]: Faben Inc. Available from: <http://www.cris.com/~Faben1/>. Cited: 12 Apr. 1997.

BETTEGA, Maria Helena Silva. **A educação continuada na era digital**, 2.ed., São Paulo :Cortez, 2010 – (Coleção questões da nossa época).

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** Lei 9394/96 Brasília. 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF. 174 p.

CABRAL, M. A. (1990). **Tecnologias de informação na era das línguas.** In: Gabinete de estudos de planejamento. O computador no ensino-aprendizagem de línguas. Actas. Lisboa:MEGEP. Apud: SANTOS, B. S. dos; PACHECO, C. O. (2000). A informática no cotidiano escolar: relato de uma experiência didática. In: PELLANDA, N M. C.; PELLANDA, E. C. (Org.). Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy. Porto Alegre: Artes e Ofícios. p.222-250.

CARVALHO, Marilia G.; Bastos, João A. de S. L., Kruger, Eduardo L. de A., **propriação do conhecimento tecnológico**. CEEFET-PR, 2000. Cap. Primeiro.

FERREIRA. Naura Syria Carapeto et.al. **Formação continuada e a gestão da educação.** 2.ed –São Paulo : Cortez, 2006.

KELMAN, P. (1992). **Alternatives to integrates instructional systems.** In: . CANNINGS, T. R.; FINKEL, L. (Ed.) The technology age classroom. Wilsonville (USA): Franklin, Beedle & Associates Incorporation. p.291-308.

LIBANEO, J. C. **Organização e Gestão da escola,** Goiânia: Ed. Alternativa, 2004.

\_\_\_\_\_\_\_ José Carlos. (org). **Educação Escolar:** políticas, estruturas e organização. – São Paulo: Cortez, 2009.

RIVERO, Maria L. e GALO, Silvio**. A formação de professor na sociedade do conhecimento.**Bauru, SP : Edusc, 2004.

Revista: A escola multimídia – **como educador para a sociedade da formação.** Novembro/2007/janeiro 2008.Pagina: 28 e 29 – Inclusão digital).

OLIVEIRA, Ramon de. **Informática Educativa**: dos planos e discursos à sala de aula.Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

1. Acadêmica do curso de pedagogia, UR I - Santo Ângelo. deni27franco@gmail.com . [↑](#footnote-ref-1)
2. Acadêmico do curso de pedagogia, URI – Santo Ângelo. Gf-gabriel@hotmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Acadêmica do curso de pedagogia, URI – Santo Ângelo. Valquiria16val@hotmail.com [↑](#footnote-ref-3)
4. Professora Mestre do curso de pedagogia, URI – Santo Ângelo. [↑](#footnote-ref-4)